

**CARTOGRAFIAS NEGRAS: COLONIALIDADE, DIÁSPORA E CONSCIÊNCIA NA AMÉRICA****BLACK CARTOGRAPHIES: COLONIALITY, DIASPORA AND CONSCIOUSNESS IN AMERICA****CARTOGRAFÍAS NEGRAS: COLONIALIDAD, DIÁSPORA Y CONCIENCIA EN AMÉRICA**

<https://doi.org/10.56238/ERR01v10n3-009>

**Clodoaldo Reis Azarias**

Doutorando

Instituição: Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)  
E-mail: clodoaldoreisazariasl@gmail.com**Natan Reis Azarias**

Mestre em Ensino

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)  
E-mail: natanreisazarias@hotmail.com**Nara Cristina dos Santos Nunes**

Licenciada em Pedagogia

Instituição: Universidade Luterana do Brasil (ULBRA)  
E-mail: narinhaprofkoeh@gmail.com**Neusa Maria Machado de Oliveira**

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
E-mail: neusafrank@hotmail.com**RESUMO**

Este artigo configura-se como uma cartografia intelectual negra, de abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, na qual se mapeiam as trajetórias do pensamento de Aníbal Quijano, Achille Mbembe e Abdias Nascimento para compreender a complexa trama da colonialidade do poder, da diáspora africana e da construção de uma consciência política negra na América Latina. A noção de cartografia aqui ultrapassa o mapeamento geográfico, funcionando como uma prática crítica e epistemológica que busca revelar os territórios simbólicos e históricos atravessados pelas experiências negras e suas resistências, configurando, assim, uma perspectiva descolonial sobre a formação social e cultural da região. Parte-se da hipótese de que os aportes teóricos desses autores possibilitam compreender a diáspora africana não apenas como herança demográfica ou cultural, mas como sujeito político e epistêmico capaz de tensionar os fundamentos coloniais da modernidade latino-americana. Metodologicamente, a pesquisa se apoia na análise crítica de referenciais teóricos fundamentais à crítica do sistema-mundo moderno-colonial.

**Palavras-chave:** Consciência Política Negra. Cartografia Negra. Diáspora Africana. Epistemológica.

## ABSTRACT

This article is a Black intellectual cartography, with a qualitative approach and bibliographical nature, mapping the trajectories of thought of Aníbal Quijano, Achille Mbembe, and Abdias Nascimento to understand the complex web of the coloniality of power, the African diaspora, and the construction of Black political consciousness in Latin America. The notion of cartography here goes beyond geographic mapping, functioning as a critical and epistemological practice that seeks to reveal the symbolic and historical territories traversed by Black experiences and their resistance, thus configuring a decolonial perspective on the social and cultural formation of the region. The hypothesis is that the theoretical contributions of these authors allow us to understand the African diaspora not only as a demographic or cultural heritage, but as a political and epistemic subject capable of challenging the colonial foundations of Latin American modernity. Methodologically, the research is based on the critical analysis of theoretical frameworks fundamental to the critique of the modern-colonial world-system.

**Keywords:** Black Political Consciousness. Black Cartography. African Diaspora. Epistemological.

## RESUMEN

Este artículo es una cartografía intelectual negra, con un enfoque cualitativo y de naturaleza bibliográfica, que traza las trayectorias de pensamiento de Aníbal Quijano, Achille Mbembe y Abdias Nascimento para comprender la compleja red de la colonialidad del poder, la diáspora africana y la construcción de la conciencia política negra en América Latina. La noción de cartografía trasciende el mapeo geográfico, funcionando como una práctica crítica y epistemológica que busca revelar los territorios simbólicos e históricos atravesados por las experiencias negras y su resistencia, configurando así una perspectiva decolonial sobre la formación social y cultural de la región. La hipótesis es que las contribuciones teóricas de estos autores permiten comprender la diáspora africana no solo como un patrimonio demográfico o cultural, sino como un sujeto político y epistémico capaz de desafiar los fundamentos coloniales de la modernidad latinoamericana. Metodológicamente, la investigación se basa en el análisis crítico de marcos teóricos fundamentales para la crítica del sistema-mundo moderno-colonial.

**Palabras clave:** Conciencia Política Negra. Cartografía Negra. Diáspora Africana. Epistemológica.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e interpretativa, orientada à análise crítica das produções teóricas de Aníbal Quijano, Achille Mbembe e Abdias Nascimento sobre a diáspora africana na América Latina. A proposta consiste em construir uma cartografia crítica que articule os conceitos de colonialidade do poder, necropolítica e quilombismo, visando compreender a diáspora como sujeito epistêmico e político, e não apenas como legado histórico-cultural.

A diáspora africana, frequentemente marginalizada nas análises tradicionais das Relações Internacionais e da história latino-americana, tem conquistado crescente destaque como vetor fundamental para repensar as estruturas do poder global, as hierarquias raciais e as práticas de resistência.

Este artigo parte da premissa de que a centralidade da população negra e suas trajetórias de luta desafiam os paradigmas eurocêntricos e impõem a necessidade de epistemologias decoloniais e afro-diaspóricas que reposicionem os sujeitos racializados como protagonistas da história e da política. O legado colonial, marcado pela escravidão e pela racialização das hierarquias sociais, estruturou um sistema de exclusão que atravessa a modernidade latino-americana.

A partir do tráfico atlântico até os processos de independência, os povos africanos e afrodescendentes protagonizaram diversas formas de resistência, política, cultural e espiritual, que se manifestaram em experiências como os quilombos, palenques, maroons e cumbes, redefinindo a vida a partir de lógicas comunitárias e ancestrais.

Autores como John Thornton (1998) e Joseph Inikori (2002) destacam que a África resistiuativamente à escravização, contrariando interpretações eurocêntricas que naturalizam sua cooperação no tráfico. Essas resistências revelam que a diáspora não foi passiva, mas formuladora de alternativas civilizatórias. No Brasil, Palmares simboliza essa reexistência, organizando sistemas políticos, religiosos e culturais baseados em valores africanos (CARNEIRO, 1958; REIS; GOMES, 1996).

Aníbal Quijano propõe a colonialidade do poder como categoria que denuncia a persistência da dominação racial e epistêmica no presente. Mbembe contribui ao analisar os dispositivos modernos de gestão da morte como lógica de controle sobre corpos negros. Abdias, por sua vez, oferece uma leitura afrocentrada da história latino-americana ao denunciar o genocídio negro e propor o quilombismo como horizonte político e civilizatório.

Este artigo parte da hipótese de que a articulação crítica entre esses três autores permite compreender a diáspora africana como chave interpretativa para repensar os fundamentos do poder, da memória e da diferença racial no sistema internacional e nas formações nacionais da América Latina.



A pergunta norteadora é: de que maneira os conceitos de colonialidade do poder (Quijano), necropolítica (Mbembe) e pertencimento negro (Abdias Nascimento) podem compor uma cartografia crítica da formação política e epistêmica da América Latina, a partir da experiência histórica da diáspora africana?

A metodologia fundamenta-se na análise de conteúdo de obras acadêmicas, selecionadas por sua relevância teórica e política, com foco nos conceitos de colonialidade, necropolítica, quilombismo e diáspora africana. A perspectiva adotada insere-se no campo das Relações Internacionais críticas, especialmente nos estudos decoloniais e nas epistemologias afro-diaspóricas.

Ao articular o pensamento latino-americano (Quijano), africano (Mbembe) e afro-brasileiro (Abdias), o artigo propõe uma triangulação teórica que contribui para uma reinterpretação do lugar da população negra na construção da modernidade e na crítica ao sistema-mundo contemporâneo.

## 2 ANÍBAL QUIJANO E A COLONIALIDADE DO PODER

Aníbal Quijano propõe o conceito de colonialidade do poder como chave para compreender a persistência das hierarquias raciais, epistêmicas e econômicas estruturadas durante o colonialismo, mas ainda ativas na contemporaneidade. Ao diferenciar colonialidade de colonialismo, o intelectual revela que, mesmo após as independências formais, a América Latina permanece organizada por uma lógica que racializa as relações sociais e impõe o eurocentrismo como padrão hegemônico de saber e humanidade.

Segundo Quijano, a invenção da raça foi o instrumento ideológico fundamental para justificar a dominação europeia e classificar povos africanos, indígenas e asiáticos como inferiores. Essa lógica racial não apenas se manifestou no plano material da exploração, mas também moldou subjetividades e epistemologias, sustentando um paradigma global de desigualdade e silenciamento das rationalidades não ocidentais.

Sua concepção é ampliada por autores como Walter Mignolo (2005), com a noção de colonialidade do saber, e Maldonado-Torres (2007), que desenvolve o conceito de colonialidade do ser, demonstrando como a modernidade produziu uma “zona de não-ser” destinada aos corpos racializados, privados de reconhecimento e dignidade. Dessa forma, a colonialidade revela-se como um regime simbólico, cultural, político e existencial de exclusão.

Essa crítica se aprofunda na análise da marginalização das populações negras e indígenas nas sociedades latino-americanas, onde a exclusão epistêmica se combina com a violência material. Sueli Carneiro (2005) e Edgardo Lander (2005) reforçam que o epemicídio e o racismo institucional continuam a operar em instituições como universidades, políticas públicas e demais estruturas de poder, inviabilizando projetos civilizatórios afro-indígenas.



Assim, a colonialidade configura-se como eixo invisível, porém estruturante, que sustenta as desigualdades contemporâneas ao articular saber, poder e ser. A obra de Quijano não apenas denuncia essa arquitetura de dominação, mas convoca à descolonização do pensamento latino-americano, valorizando saberes silenciados e cosmologias subalternizadas.

Se Quijano desvela a lógica da colonialidade como fundamento das hierarquias raciais e epistêmicas da modernidade, Achille Mbembe avança ao iluminar seus desdobramentos letais. Ao deslocar o foco da produção do saber para a gestão da morte, Mbembe propõe a necropolítica como conceito-chave para compreender como o racismo moderno transforma corpos negros em alvos de extermínio sistemático, revelando a face sombria e ontológica da colonialidade do poder.

### 3 ACHILLE MBEMBE: NECROPOLÍTICA E CRÍTICA DA RAZÃO

A reflexão de Achille Mbembe articula uma crítica profunda à modernidade ocidental e à colonialidade ao propor o conceito de necropolítica: o poder de definir quem deve viver e quem pode morrer (MBEMBE, 2003, p. 11; 2016, p. 132; 139). Essa soberania, ultrapassando a biopolítica de Michel Foucault (1976), evidencia que, em contextos como o colonialismo, o apartheid ou regimes de ocupação, a lógica do poder moderno se realiza na gestão seletiva da morte.

Corpos racializados, escravizados, refugiados ou considerados inimigos, são submetidos a condições precárias, onde a existência permanece sob ameaça constante de aniquilação. Para Mbembe (2018, p. 66), essa forma de governo baseia-se em uma colonialidade da morte, na qual populações negras, indígenas e empobrecidas são desumanizadas e convertidas em vidas descartáveis.

Inspirando-se na dialética hegeliana do senhor e do escravo (HEGEL, 2003, p. 259), Mbembe denuncia que o negro jamais foi reconhecido como sujeito pleno da modernidade. Pelo contrário, foi constituído como o Outro radical, situado fora da humanidade normativa, posição aprofundada em sua obra Crítica da Razão Negra (MBEMBE, 2018). Propõe, assim, um deslocamento epistêmico da filosofia ocidental, reavaliando-a a partir das experiências africanas e da diáspora, movimento que denomina “sulear Hegel”.

A necropolítica manifesta-se em zonas de indiferença, onde a humanidade é suspensa e o luto seletivo legitima o extermínio racial. Conforme observa Santiago Castro-Gómez (2005), a colonialidade opera sobre os corpos, evidenciada pelas tecnologias de morte aplicadas à vida negra por Estados modernos, em favelas sitiadas, prisões superlotadas, fronteiras militarizadas e zonas de sacrifício ambiental.

Essa crítica encontra forte ressonância na América Latina. Mbembe (2015, p. 134) afirma que, em regimes necropolíticos, o soberano mata sem prestar contas. Essa lógica se expressa em democracias racializadas, nas quais o racismo institucional, o encarceramento em massa e a violência



policial configuram formas atualizadas do colonialismo, um diagnóstico que dialoga diretamente com Quijano (2005). A necropolítica, portanto, representa a face letal da colonialidade do poder.

Além disso, o autor camaronês estabelece diálogo com Judith Butler (2009), especialmente ao destacar que a indiferença diante da morte de certos corpos revela os critérios implícitos que definem quem merece luto e quem pode ser descartado. A violência necropolítica é, assim, tanto física quanto simbólica, regulando as fronteiras do que é considerado humano.

Sua obra também se conecta com Sueli Carneiro (2005), que aponta o epistemicídio como dimensão da morte, a supressão dos saberes, memórias e subjetividades negras, e converge com Abdias Nascimento, que denunciou o genocídio da população negra brasileira como política de Estado, articulando corpo e espírito como alvos do racismo. Ao integrar necropolítica e crítica da razão negra, Mbembe expõe os dispositivos coloniais que sustentam a exclusão ontológica do negro.

Sua crítica não abandona os referenciais de Hegel ou Foucault, mas os reconfigura a partir das margens, evidenciando silêncios e exclusões do pensamento ocidental. Nesse panorama, sua obra compõe, junto a Quijano, Nascimento, Carneiro, Castro-Gómez e Butler, um painel robusto de crítica ao colonialismo moderno, revelando como a morte se tornou tecnologia de governo e o negro, símbolo central da exclusão ontológica.

A crítica de Mbembe à racionalidade moderna e ao governo da morte revela como corpos negros foram historicamente situados fora da humanidade normativa. Entretanto, é a partir dessa exclusão que emergem resistências ontológicas e epistemológicas.

Nesse horizonte, a obra de Abdias Nascimento se destaca ao afirmar a negritude como fundamento de um projeto civilizatório afrocentrado, no qual memória, espiritualidade e ancestralidade são convocadas como dimensões políticas de reconstrução do ser negro no Brasil e na América Latina.

#### **4 ABDIAS NASCIMENTO: NEGRITUDE, QUILOMBISMO E GENOCÍDIO DO NEGRO BRASILEIRO**

A obra de Abdias Nascimento representa um marco no pensamento negro latino-americano, integrando militância, estética, espiritualidade e política como dimensões indissociáveis de um projeto emancipatório. Inspirado pela négritude de Césaire, Senghor e Fanon, Abdias reelabora a experiência afro-brasileira ao denunciar a persistência da colonialidade do ser e romper com os mitos da democracia racial e da mestiçagem, que funcionam como ideologias de embranquecimento (NASCIMENTO, 1978, p. 51; FANON, 2008).

Sua concepção de negritude transcende uma identidade meramente reativa, assumindo-se como paradigma civilizatório fundado na ancestralidade africana, na valorização cultural e na ação coletiva. Propõe uma epistemologia afrocentrada que confronta o epistemicídio promovido pela modernidade

colonial e cristã ocidental, a qual excluiu corpos e saberes negros do cânone racional (NASCIMENTO, 2016).

Fundador do Teatro Experimental do Negro (TEN), organizador do Congresso do Negro Brasileiro e idealizador do IPEAFRO, sua produção teórico-militante se ancora em práticas concretas de reexistência. A partir de uma crítica estrutural ao Estado-nação racializado, Abdias denuncia o genocídio da população negra no Brasil, físico, simbólico e cultural, expressando-se na letalidade policial, encarceramento, desemprego estrutural, evasão escolar e marginalização política (NASCIMENTO, 2016, p. 37).

Como já assinalaram Quijano (2005) e Mbembe (2003, 2018), a colonialidade do poder institui hierarquias duradouras e a necropolítica gerencia a morte de corpos racializados. Abdias responde a esses processos com o quilombismo, uma proposta concreta de organização social, política e espiritual, inspirada na experiência histórica dos quilombos e nos valores civilizatórios africanos (NASCIMENTO, 1980).

O quilombo, para Abdias, não é apenas um território de fuga, mas um espaço de saber, autonomia, espiritualidade e resistência. O quilombismo articula quatro dimensões fundamentais: (1) política e econômica, com foco em terra, soberania e justiça distributiva; (2) cultural e identitária, valorizando línguas, religiões, estéticas e narrativas negras; (3) epistêmica, centrada na ancestralidade como base de um novo conhecimento; e (4) pan-africanista, promovendo solidariedade entre diáspora e continente africano.

Essa categoria insurgente e decolonial não representa um retorno ao passado, mas um projeto futurista e emancipatório. Como ressalta Walter Mignolo (2005), pensar alternativas implica romper com a colonialidade do saber e valorizar paradigmas subalternizados. Abdias realiza esse gesto ao propor a negritude como cosmovisão insurgente e fundamento para uma nova gramática política na América Latina.

Sua crítica à ficção da igualdade racial revela que a integração estatal é seletiva e subordinada. Em oposição, afirma a identidade negra como sujeito histórico e epistêmico, confrontando o universalismo eurocêntrico e a democracia racial excludente. Essa práxis da negritude atua como resistência ativa à colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) e à necropolítica (MBEMBE, 2003), resgatando memória, pertencimento e dignidade dos povos africanos e afro-diaspóricos.

A denúncia do genocídio negro acompanha uma agenda de justiça reparatória, antecipando debates contemporâneos sobre ações afirmativas, restituição de bens culturais, reconhecimento das espiritualidades afro-brasileiras e enfrentamento da exclusão epistêmica. Nesse sentido, Abdias dialoga diretamente com Sueli Carneiro (2005), que aborda o epistemicídio, e com Mbembe (2018), ao situar a população negra nas zonas de morte da modernidade racializada.



Abdias Nascimento oferece, assim, não apenas uma crítica contundente à colonialidade, mas uma proposta robusta de reestruturação do pensamento e da sociedade a partir da negritude. Seu legado permanece central para projetos de descolonização e reconstrução de um horizonte político radicalmente antirracista na América Latina.

A partir das contribuições singulares de Quijano, Mbembe e Abdias Nascimento, torna-se possível identificar não apenas uma crítica comum à colonialidade e ao racismo estrutural, mas também caminhos diversos para reconstrução de paradigmas epistemológicos, políticos e civilizatórios.

Se cada autor formula sua abordagem a partir de distintos referenciais históricos e teóricos, suas obras convergem na denúncia da modernidade como projeto excludente e racializado. É justamente no entrelaçamento, e nas tensões, entre essas perspectivas que se delineia uma cartografia teórica rica e multifacetada, cuja análise aprofundada constitui o objetivo do próximo capítulo.

## 5 CONVERGÊNCIAS E TENSÕES TEÓRICAS ENTRE QUIJANO, MBEMBE E ABDIAS NASCIMENTO

A compreensão da formação da América Latina sob a ótica da diáspora africana exige a interlocução entre distintas tradições intelectuais que problematizam a colonialidade do poder, o racismo estrutural e as estratégias de resistência negra. Nesse horizonte, os pensamentos de Aníbal Quijano, Achille Mbembe e Abdias Nascimento, oriundos de contextos e territórios diversos, respectivamente América Latina, África e Brasil, revelam importantes pontos de convergência teórica e crítica.

Esses autores articulam análises profundas sobre os processos históricos e contemporâneos que sustentam a opressão racial e a subalternização dos corpos negros, por meio de conceitos centrais como colonialidade do poder, necropolítica e epistemicídio. A tabela a seguir sistematiza essas convergências, destacando os principais eixos temáticos que interligam suas contribuições, ao passo que também apontam para possíveis tensões e diferenciações no campo das análises críticas provenientes do Sul global.

Tabela 1 – Convergências

Eixo de Análise	Aníbal Quijano	Achille Mbembe	Abdias Nascimento
Foco Teórico	Colonialidade do poder e eurocentrismo	Necropolítica e crítica da razão negra	Negritude como projeto político-cultural e Quilombismo
Crítica Central	Classificação social e epistêmica com base no racismo	Gestão da morte dos corpos racializados como lógica de poder	Invisibilização da história e cultura negra no Brasil
Categoria Fundante	Colonialidade	Necropolítica	Quilombismo

Sujeito Político	Povos racializados e epistemologias subalternizadas	O negro como outro radical e alvo da soberania da morte	A população negra como portadora de um projeto civilizatório
Epistemologia	Descolonização do saber e pluriversalidade	Desconstrução da razão moderna e racial	Reconstrução da memória afrocentrada e da ancestralidade
Violência Estrutural	Persistência das hierarquias coloniais nas democracias	Naturalização da morte negra como tecnologia de poder	Racismo institucional como atualização do colonialismo
Proposta de Superação	Reconfiguração do pensamento social a partir do Sul	Ressignificação da humanidade a partir das margens	Projeto político-cultural negro baseado na ancestralidade
Dimensão Espiritual	Implícita na crítica ao dualismo moderno	Presente na crítica ao humanismo europeu	Central: espiritualidade afro-brasileira como resistência
Vinculação à América Latina	Crítica ao eurocentrismo e colonialidade no pensamento latino	Aplicação da necropolítica às periferias e favelas latino-americanas	Afirmiação da identidade negra no Brasil como central à América Latina

Fonte: Os autores.

Embora Aníbal Quijano, Achille Mbembe e Abdias Nascimento compartilhem diagnósticos fundamentais acerca das raízes históricas da colonialidade e do racismo estrutural, suas análises também revelam tensões epistemológicas e metodológicas significativas. Essas diferenças emergem dos distintos contextos geográficos, históricos e culturais que moldaram suas trajetórias intelectuais, bem como das variadas ênfases teóricas que cada um privilegia em suas abordagens.

Enquanto Quijano foca primordialmente na colonialidade do poder como matriz estruturante da modernidade, Mbembe amplia a discussão ao explorar a necropolítica e as formas contemporâneas de soberania sobre a vida e a morte. Abdias Nascimento, por sua vez, enfatiza a dimensão cultural e política da negritude e da resistência quilombola no Brasil.

Tais divergências, longe de enfraquecer suas contribuições, enriquecem o debate ao permitir uma cartografia complexa que mapeia não apenas os pontos de intersecção, mas também os desafios e controvérsias teóricas que permeiam a análise crítica do racismo e da colonialidade no Sul global.

A tabela a seguir sintetiza essas convergências e tensões, organizando os principais conceitos, enfoques e pressupostos que marcam a produção desses três pensadores, evidenciando assim o diálogo fecundo e, por vezes, a dialética produtiva entre suas perspectivas.

Tabela 2 – Tensões

Eixo de Tensão	Aníbal Quijano	Achille Mbembe	Abdias Nascimento
Universalidade vs. Particularidade	Busca por descolonialidade epistêmica com base na pluralidade de racionalidades	Questiona a noção de humanidade moderna e seu universalismo racializado	Afirma a centralidade da cultura negra e africana como fundamento de um novo universal
Enfoque	Sistêmico-estrutural (ênfase na economia e epistemologia)	Ontológico-filosófico (ênfase na soberania e morte)	Político-cultural (ênfase na identidade negra e ação coletiva)

Tratamento da Espiritualidade	Ausente ou secundária na análise	Presente de forma crítica à razão secular moderna	Central: espiritualidade afro-brasileira como resistência
Nível de Abstração	Teoria social de alta abstração	Filosofia política e ontologia crítica	Militância político-intelectual e pragmatismo emancipatório
Relação com o Estado	Crítica ao Estado moderno como herdeiro da colonialidade	O Estado é apenas um dos operadores da necropolítica	Denúncia do racismo estatal, mas aposta em reorganização popular autônoma
Cosmovisão de Resistência	Pluriversalidade epistêmica	Superação da ontologia ocidental da morte	Retomada do quilombo como matriz de um novo mundo negro
Temporalidade da Crítica	Ênfase na longa duração da colonialidade	Ênfase na contemporaneidade da violência racial e simbólica	Ênfase na ancestralidade e no presente da luta negra
Ênfase Geográfica	América Latina em perspectiva histórico-epistemológica	África e diáspora sob o viés da violência ontológica	Brasil como território simbólico da luta negra pan-africana
Linguagem Teórica	Conceitual, estrutural, influenciada pelos estudos latino-americanos	Densa, filosófica, crítica do Ocidente desde dentro	Enraizada, poética, simbólica, marcada pela oralidade e cultura

Fonte: Os autores.

Ao articular os pensamentos de Aníbal Quijano, Achille Mbembe e Abdias Nascimento, construiu-se uma abordagem crítica e plural que valoriza os aportes teóricos oriundos do Sul global, especialmente das tradições intelectuais negras. Essa articulação permitiu revelar as múltiplas dimensões da colonialidade do poder, conceito-chave para compreender como a modernidade ocidental se estrutura a partir de uma hierarquia racial global que, historicamente, subalterniza os povos afrodescendentes.

Essa lógica racializada não está restrita ao passado; ela persiste nas relações internacionais contemporâneas, operando tanto nos circuitos econômicos quanto nas dinâmicas simbólicas e epistêmicas. Além disso, a noção de necropolítica, desenvolvida por Mbembe, evidencia que o racismo moderno não apenas marginaliza, mas administra a morte de corpos negros como uma estratégia deliberada de controle político.

As práticas de gestão seletiva da vida e da morte nas periferias urbanas latino-americanas demonstram a atualização das lógicas coloniais nos aparatos estatais e nas políticas públicas. Paralelamente, Abdias Nascimento destaca o genocídio estrutural da população negra e apresenta o quilombismo não apenas como memória histórica, mas como projeto político e civilizatório de resistência e afirmação identitária.

Esses elementos, juntos, apontam para a necessidade urgente de estratégias emancipatórias que confrontem e superem os legados da colonialidade e do racismo estrutural no continente.

100 100  
110 110  
100 100  
10101 10101  
11 100111  
100 110100  
101100 101  
10101

## 6 CONCLUSÃO

A leitura da formação da América Latina a partir da perspectiva da diáspora africana, conforme desenvolvida neste artigo, permite desestabilizar narrativas hegemônicas que associam a modernidade a um projeto civilizatório homogêneo, europeu e branco. Ao contrário, evidencia-se que a modernidade latino-americana foi edificada sobre a violência da escravidão, a racialização das subjetividades e o silenciamento epistêmico de populações negras.

A convergência entre os pensamentos de Quijano, Mbembe e Abdias Nascimento revela um campo teórico crítico e plural que denuncia, cada qual a seu modo, as engrenagens da colonialidade. Quijano inaugura uma crítica estrutural centrada nas categorias de poder, saber e ser, ao identificar a raça como o eixo organizador da hierarquia social moderna. Mbembe amplia esse diagnóstico ao introduzir o conceito de necropolítica, mostrando como o controle sobre a vida e a morte é exercido de maneira racializada, sobretudo nos corpos negros e periféricos.

Já Abdias, com seu projeto afrocentrado, denuncia não apenas o genocídio físico da população negra brasileira, mas também o epistemocídio e o apagamento das memórias ancestrais, propondo o quilombismo como horizonte ético, político e civilizatório. Esses autores compartilham o compromisso com a denúncia do racismo estrutural e com a afirmação da diáspora africana como sujeito histórico e epistemológico.

No entanto, apresentam diferenças metodológicas e políticas que não devem ser vistas como incoerências, mas como expressões da complexidade do pensamento negro. Enquanto Quijano ancora-se na crítica sistêmica da modernidade, Mbembe desloca a crítica para o plano ontológico e existencial, e Abdias reafirma a negritude como base de um novo projeto civilizacional. A tensão entre superação da identidade e afirmação cultural, entre desconstrução e reconstrução, não fragiliza suas perspectivas, mas as fortalece como campo de pensamento em movimento.

Internacionalmente, especialmente nas universidades, fóruns políticos e movimentos sociais, as obras desses autores vêm ganhando crescente reconhecimento, contribuindo para a construção de uma agenda decolonial com impacto global. A articulação entre suas contribuições ajuda a forjar uma epistemologia negra transnacional que desafia o eurocentrismo, desloca os centros de produção do saber e reposiciona os corpos racializados como protagonistas da história, da cultura e da crítica social.

No campo das Relações Internacionais, essa leitura aponta para a urgência de uma virada epistêmica que enfrente a colonialidade do saber e do poder. A diáspora africana, muitas vezes marginalizada nas análises geopolíticas tradicionais, emerge aqui como sujeito ativo na conformação da ordem internacional, sobretudo a partir de suas práticas de resistência, solidariedade transfronteiriça e produção cultural.



Em tempos marcados pelo agravamento das desigualdades raciais, pela ascensão de discursos autoritários e pela crise dos modelos liberais de democracia, pensar a América Latina desde os corpos e saberes negros constitui um gesto radical de reinvenção. É, como ensinou Abdiás Nascimento, transformar a dor em luta e a luta em projeto de mundo. Não se trata apenas de resistir, mas de refundar a política, a espiritualidade e a ciência a partir dos avessos da colonialidade.

Este artigo, ainda que limitado em sua abrangência, se inscreve como ensaio introdutório a uma cartografia negra latino-americana, cuja vocação é abrir veredas para investigações mais aprofundadas sobre os entrecruzamentos entre memória, fé, resistência e construção de futuros plurais.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamounier. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, RJ, 2009.
- CARNEIRO, E. O QUILOMBO DOS PALMARES. São Paulo Editora S/A. São Paulo, SP, 1958.
- CARNEIRO, S. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2005.
- CASTRO-GÓMEZ, S.. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO. Buenos Aires, AR, 2005.
- FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. : EDUFBA. Salvador, BA, 2008.
- LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO. Buenos Aires, AR, 2005.
- MBEMBE, A. Necropolitics. *Public Culture*, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003. DOI: 10.1215/08992363-15-1-11
- MBEMBE, A. Necropolítica. Revista Arte & Ensaios, n. 32, p. 123-151. UFRJ/EBA. Rio de Janeiro, RJ, 2016.
- MBEMBE, A. Crítica da razão negra. Tradução de Marta Lança. Editora Antígona. Lisboa, Portugal, 2018.
- MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (orgs.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Siglo del Hombre. Bogotá, Colombia, 2007.
- MIGNOLO, W. D. A ideia de América Latina: a herança do colonialismo e a briga pela identidade. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. UFMG. Belo Horizonte, MG, 2005.
- NASCIMENTO, A. O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado. 3. ed. Editora Perspectiva. São Paulo, SP, 1978.
- NASCIMENTO, A. O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Editora Selo Negro. São Paulo, SP, 2002.
- NASCIMENTO, A. Poder negro: filosofia política da libertação. Editora Perspectiva. São Paulo, SP, 2016.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. : CLACSO. Buenos Aires, AR, 2005.

